

Messengers from the Stars: On Science Fiction and Fantasy

Nº 1 - 2016

- Editorial Board** | Adelaide Serras
Ana Daniela Coelho
Ana Rita Martins
Angélica Varandas
João Félix
José Duarte
- Advisory Board** | Adam Roberts (Royal Holloway, Univ. of London, UK)
David Roas (Univ. Autónoma de Barcelona, Spain)
Flávio García (Univ. do Estado do Rio de Janeiro, Brazil)
Henrique Leitão (Fac. de Ciências, Univ. de Lisboa, Portugal)
Jonathan Gayles (Georgia State University, USA)
Katherine Fowkes (High Point University, USA)
Ljubica Matek (University of Osijek, CROATIA)
M^a Cristina Batalha (Univ. do Estado do Rio de Janeiro, Brazil)
Susana Oliveira (Fac. de Arquitectura, Univ. de Lisboa, Portugal)
Teresa Lopez-Pellisa (Univ. Autónoma de Barcelona, Spain)
- Copy Editors** | Ana Rita Martins || João Félix || José Duarte
- Translator** | David Klein Martins
- Translation Copy** | Ana Rita Martins || Mónica Paiva
Editors
- Photography** | Valter Ventura
- Site** | <http://messengersfromthestars.lettras.ulisboa.pt/journal/>
- Contact** | mfts.journal@gmail.com
- ISSN** | 2183-7465
- Editor** | Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa |
University of Lisbon Centre for English Studies
Alameda da Universidade - Faculdade de Letras
1600-214 Lisboa - Portugal





Falstaff

(Variações sobre o libreto de Arrigo Boito)

Luís Filipe Silva

Personagens

Sir John Falstaff – Barítono

Ford – barítono

Caio – Tenor

Bardolf – Tenor

Pistol – Baixo

Anna – Soprano

Senhora Page – Mezzo Soprano

Dama Lesta – Mezzo Soprano

Outros personagens ocasionais

Acto I

Sir John Falstaff, o Fanfarrão, senhor e dono do Enclave de Hispaniola do Sul, encontra-se a descansar no Salão Nobre – antes de dar início, no seu grande corpo de lagarta que usa como fábrica química, à produção de uma nova colheita de agentes genéticos destinados à pureza do senhorio –, quando irrompe Caio, administrador local delegado, para se queixar dos lacaios de Falstaff, que lhe estragaram a negociação com os chineses.

John escuta-o com complacência e depois chama os demónios à vez: primeiro Bardolf, o cruel, que nega os feitos, afirmando que se encontrava em órbita entretido com actos de espionagem nessa ocasião, e logo dirige a suspeita para Pistol, o demónio de sangue, que traz miséria e fome às localidades a mando do mestre. Pistol surge, de barriga cheia, e renega também o feito, embora Caio o aponte a dedo («*Certo fu lui! Guardate. Come s'attegia al niego quel ceffo da bugiardo!*»). Divertido, Pistol troca galhardetes com Caio, que, furioso, exige reparações a Falstaff. Este pergunta que negócio foi interrompido com a pretensa intervenção do seu pessoal, e Caio explica que tinha sido o da venda de armas químicas para a guerra com S. Petersburgo.

Falstaff enfuna então o corpo, irado, proclamando em voz alta que Caio agia contra a humanidade por incentivar a guerra, antes de acusá-lo, em surdina, de agir

nas costas do Enclave, que nada sabia desse negócio, senão exigiria mais que a habitual dízima. Conclui, sentenciando Caio a abandonar Hispaniola para sempre. Caio perde a cabeça e começa a enumerar os crimes de Falstaff, para crescente ira do regente, que logo interrompe o discurso, insurgindo-se contra o administrador delegado e cuspidando-lhe no rosto. Caio tenta fugir mas é tarde. Falstaff explica friamente que Caio morrerá em poucos dias, mas não antes de assistir à condenação da própria família; o vírus que agora lhe corre nas veias vai disseminar-se pelo enclave e atacar os traços genéticos próximos do seu, sem possibilidade de remissão. Caio é expulso do local a pontapés pelos lacaios demoníacos.

Falstaff conferencia então com Bardolf e Pistol, dizendo que não se podem dar ao luxo de perder mais homens empreendedores, como Caio, pois urge sanitizar as finanças do senhorio. É arriscado abrir guerra com os enclaves vizinhos, uma vez que partilham os mesmos recursos da ilha e daria motivos aos organismos políticos internacionais para se meterem onde não são chamados; mais inteligente e oportuna será a branda arma da parceria.

Redige assim duas missivas, que grava a fogo nos espíritos de ambos os demónios. Um deles deverá convidar o regente de Martinica; o outro, o das ilhas Virgens Britânicas. Ambos os líderes ambicionam a entrada no território de Hispaniola, e ambos detêm patrimónios genéticos facilmente adaptáveis ao de Falstaff. Com sorte, pensa este, irão degladiar-se mutuamente até à extinção, pelo privilégio de serem escolhidos. Falstaff considera esta ideia particularmente divertida.

Mudança de cena. Entra A. Ford, regente-mor de Martinica, visivelmente agitado pela recente visita do emissário de Hispaniola, e a sua filha e acólita, Anna, que procura acalmá-lo e chamá-lo à razão: Falstaff terá algum truque na manga, e não ofereceria um convite tão generoso para abrir relações entre os dois enclaves se não ficasse a ganhar com isso. Ford quer ser precavido, mas vê aqui a possibilidade de resolver os mais graves problemas do senhorio. Anna sugere então utilizar os seus contactos secretos para investigar a questão, e sai de cena. Ford canta então uma ária pungente, em que abre o coração de líder e revela a desolação a que chegou o senhorio: pestes atrás de pestes, caos climatérico responsável pelo esgotamento dos recursos da ilha, e um total abandono dos aliados continentais para novos financiamentos.

Anna regressa, agitada, portadora de novidades, e estabelece ligação com M. Page, senhora de um enclave obscuro das Virgens Britânicas, que se faz acompanhar da pagem Lesta. Page recebera uma missiva de Falstaff com igual teor, e também ela julgara exclusivo o convite. Ford mostra-se insultado e pretende recusar, mas quer Anna quer Page o aconselham a reflectir: sozinhos pouco poder têm («*Se ordisci una burla, vo' anch'io la mia parte. Conviene condurla con senno, con arte*»), contudo, se se unirem em conluio à revelia de Falstaff, podem tornar-se uma oposição perigosa.

Acto II

Chegada de Ford ao porto sul do Enclave Falstaff. O lorde espera-o com toda a pompa e circunstância, rodeando-se de palmeiras em chamas, todas as espécies animais de grande porte do senhorio, e centenas de súbditos a ostentar víveres. O propósito não é só fazer espectáculo, é também humilhar os convidados com a riqueza ostentada. E tem efeito em Ford, que não consegue tirar os olhos da abundância capaz de salvar o seu povo. É uma espada de dois gumes.

Falstaff condu-lo para terra e começa de imediato a urdir a teia: fala de como os dois enclaves deviam estar unidos, de como seriam mais fortes do que o eram agora. Ford contrapõe, dizendo que, pelas evidências, Falstaff cresce a olhos vistos – o que lhe pode oferecer um pequeno burgo em decadência? Promessas de futuro, contrapõe Falstaff, que é onde o seu olhar se situa. Explica então que Martinica é rica em recursos, mas Ford, limitado pelo património genético, precisará de anos antes que a ecologia do seu enclave se adapte às condições brutais da ilha; Falstaff, pelo contrário, é dono de uma riqueza genética em constante alteração, da qual ele próprio serve de exemplo, e pode acelerar o processo evolutivo – basta para isso uma fusão dos ADN's base e dos respectivos territórios.

Ford responde que requer tempo para pensar, sabendo bem que uma fusão como a proposta eliminaria para sempre os traços únicos da ecologia de Martinica. Falstaff aproveita então para informar que o enclave de Page também se encontra interessado, acabado precisamente de chegar à ilha por espontânea vontade, quem sabe se para apresentar uma contra-oferta?...

É uma mulher forte, comenta Falstaff quase distraidamente, e pela força se controla um senhorio, o que talvez ajudasse aos planos dele. Mas espera chegar a

entendimento com Ford, pois, M Page, na sua opinião, é falsa e dissimulada, aparentando ser um anjo mas revelando-se demónio.

Ford diz que precisa de conferir com a filha.

Anna foi, entretanto, conduzida para os aposentos por Pistol, que esvoaça constantemente em torno dela, elogiando a sua beleza e propondo uma união física rápida a ser consumada sem demoras. Anna sente repulsa, mas considerando que pode retirar informações da criatura, brinca com ela e admite-a no quarto. Insinua que obterá o que pretende se voluntariar informação sobre as verdadeiras intenções do mestre. Pistol responde à brincadeira, e deixa entender que apenas as perguntas bem formuladas terão respostas sinceras.

Começa então uma troca de ditos. Anna formula pergunta atrás de pergunta e Pistol responde o quão anda quente ou fria, até a rapariga entrar no rumo certo:

ANNA

Non si tratta di papà, allora!

PISTOL

Ah, vedo un fuoco ora...

ANNA

È la sua figlia che si vuole?

PISTOL

Calore mi riempie il cuore.

ANNA

Io influenzare la sua decisione.

PISTOL

È il sole o un'illusione?

ANNA

Si spera che lo convinco!

PISTOL

Giocando così non vinco...

ANNA

O sono io che ha bisogno di convincere?

PISTOL

Lei affondare nel ghiaccio con rincreocere.

ANNA

Non capisco. E 'il mio silenzio che ci si aspetta?

PISTOL

Forse siete indietro nella traccia eletta...

ANNA

Loro cercherà di isolare me.

PISTOL

Un po 'a sinistra per piacere me.

ANNA

Mi uccideranno!

E antes que Anna possa reagir, Pistol enfuna as asas e pergunta-lhe se a ignorância não é mais bela que o conhecimento. Lança-se sobre ela, rasgando-lhe a carne e violando-a, numa orgia de sangue que mancha todo o quarto.

No fim, saciado, apronta cuidadosamente os indícios que incriminarão Page, admira «Que artiloso é o mestre!», e sai de cena.

Falstaff e Ford acabam a volta pelo senhorio. Falstaff informa que no dia seguinte vai reunir-se com Page, mas Ford será bem-vindo se desejar comparecer. Preocupado com a filha que desapareceu, o regente de Martinica não consegue pensar

em mais nada. Falstaff envia Bardolf à procura de Anna enquanto abre o jogo: se Martinica não quiser aceitar, será obrigado a avançar com a proposta de Page, o que não lhe agrada. Ford não sabe o que responder, pois desconfia de todos. Eis que a tragédia se abate, quando Bardolf regressa numa grande agitação, portador de notícias funestas. Correm para o quarto, onde Ford descobre o corpo da filha. Chora a sua perda, e Falstaff tenta consolá-lo, dizendo que não descansará enquanto não encontrar o culpado. Ford depara-se então com um objecto caído, ostentando o distico da casa de Page. Falstaff mostra-se indignado e ordena que expulsem o outro grupo da ilha. Ford pede-lhe que se contenha, pois não quer acusar sem provas irrefutáveis. Falstaff elogia o raciocínio claro num momento de grande dor e oferece-lhe a sua ajuda, que Ford não vê forma de recusar.

É deixado a sós com a filha morta, a quem canta a sua mágoa e a sua angústia em discernir a verdade da mentira. Naquele jogo, já entrou a perder. Mas o dístico da casa de Page na sua mão dá-lhe uma ideia.

Page dormia quando é acordada por Lesta, dizendo que Ford pretende falar com ela. Ford irrompe pelo quarto e narra o sucedido. Page nega veementemente, foi incriminada por Falstaff, que pretende colocá-los um contra o outro. Page pede a Lesta para vasculhar o quarto de Anna com os espias que trouxeram. Na posse de evidências fortes, Ford terá legitimidade em erguer um feudo contra o lorde Fanfarrão, podendo contar com o apoio dos enclaves que Falstaff subjugou. Mas Ford deve ter paciência e ponderar bem no contra-ataque.

Na cena seguinte, Falstaff junta-se a Ford no Salão Nobre, mostrando-se preocupado com o estado de saúde do convidado. Ford mostra-se cordial, mas frio e distante. Entra Page, a quem Falstaff se refere discretamente como a falsa. E diz-lhe: minha senhora, lamento informar que terá ocorrido um grave incidente na noite passada. Page revela que já sabe de tudo e responde furiosamente que não vai admitir ser acusada de algo que não cometeu. Para provar, apresenta Lesta, que inspeccionou o quarto, descobrindo sensores de vigilância e as respectivas gravações. Falstaff não sente necessidade de explicar os instrumentos – qualquer um os teria – mas mostra-se desiludido pela atitude de Ford, que se mostrou um fraco ao colocar-se do lado do inimigo. Afirma que quer ver essas evidências, pois punirá quem do seu pessoal tenha agido contra as suas ordens.

As gravações denunciam o sucedido, e mostram a colocação do objecto incriminador. O pai angustiado chama monstro a Falstaff, ser mais demoníaco que os seus demónios. Este, de postura fria, pergunta-lhe se sabe de onde vem a espécie dos demónios, e perante a ignorância de Ford, Falstaff pede a Pistol que lhe mostre. O laçao inicia uma ladainha encantatória que coloca Lesta em convulsões. A pele da serva rompe-se, expondo o ser que albergava: uma figura demoníaca, da mesma espécie de Pistol e Baldorf.

Ford berra e diz que começa a enlouquecer. Quem é amigo, quem é inimigo? Afasta-se de Falstaff e de Page e proclama que regressa a Martinica, mas a filha não ficará por vingar.

Acto III

Enquanto limpam uma sala de reuniões, dois acólitos de Ford cometam um ao outro, em surdina e atentos a quem possa ouvir, o que se diz do estado de saúde do regente; parece que vagueia durante a noite e fala com fantasmas, esquecido do senhorio e das gentes que nele minguem. Que pensa demasiado na filha morta.

Eis que entra Ford, acompanhado do conselheiro, e os acólitos fogem, escoraçados. Ford está mais são do que deixa transparecer. É uma manobra dissimulada da sua parte, mostrar-se fraco, criando um engodo para Falstaff poder atacar com facilidade e excesso de confiança. O conselheiro aconselha cautela, que o inimigo é ardiloso e virá preparado. Todas as defesas biológicas e físicas da ilha encontram-se em estado de alerta, mas mesmo estas não serão suficientes ante o poderio de Hispaniola do Sul. Ford diz que é um risco, mas confia na comunidade internacional, que não ficará quieta ante o início de tal conflito.

E de facto recebem um alerta, mas a assinalar uma barcaça de sobreviventes: Page e a sua população, que procuram refúgio temporário na ilha de Ford. Do cimo da amurada, Page explica que Falstaff, ante a recusa final de parceria, atacou pela calada o enclave dela, disseminando pragas que rapidamente danificaram a ecologia da ilha. Ao contemplar a destruição, Page decidira activar o gene da morte lenta, que lhe consumirá o corpo em caso de invasão por patogénios: foi incapaz de deter Falstaff, mas não o deixará apropriar-se do seu património genético. Fogem de um enclave morto à procura de novo albergue, e Page pede a Ford que lhe dê mantimentos para a viagem. Este acede.

Nesse instante, Ford recebe outra mensagem. Falstaff anuncia que se encontra ao largo de Martinica e pede autorização para atracar. Ford conta imediatamente a Page, que percebe ser ela o motivo; vem no seu encalce com o objectivo de terminar o extermínio. Mas porque, pergunta Ford, arrisca ele tanto para esse fim? Page confessa então o seu maior segredo: há no gene da morte lenta a capacidade de afectar e destruir a estrutura biológica do enclave de Falstaff, e este descobriu-o. O ataque não foi inocente; motivos económicos são uma fachada para que não se descubra a fraqueza potencial do lorde Fanfarrão.

Ford não tem outra hipótese. Manda esconder o barco de Page e permite a Falstaff que se aproxime mas não atraque sem dizer ao que vem. Obtém como resposta histórias de incursões bélicas à costa de Hispaniola, perpretadas pela armada das Virgens Britânicas. Falstaff persegue Page para apresentá-la perante um tribunal internacional. Quem a abrigar é, a seus olhos, igualmente criminoso. Ford afirma que não a viu nem recebeu comunicados dela. Falstaff pede para ir a terra mas Ford diz que o assunto do assassinato da filha ainda não se encontra resolvido, e não lhe dá autorização. Falstaff jura, então, que tudo o que de mau aconteceu às Virgens Britânicas poderá acontecer a Martinica, e dá-lhe até à noite para pensar bem.

Ford acorre a Page, e diz que têm ali a grande oportunidade para acabar com Falstaff de uma vez por todas: bastará atraí-lo a um ambiente fechado para ela poder lançar o veneno mortal. Como seduzi-lo a tal sítio? Ford congemina um plano rápido, em que Page se apresentará como sua refugiada oficial, solicitando uma audiência para o cessar de hostilidades. Mas o veneno também é fatal para as gentes de Martinica, alerta ela, será fatal para ti. «Então inocula-me com o antídoto quando infectares Falstaff... se não resultar, é sempre melhor do que viver sob aquele domínio ignóbil». Page concorda.

A reunião tem lugar. Falstaff de um lado, Ford e Page do outro. Falstaff diz a Ford que lhe mentiu, agora conhece finalmente quem são seus inimigos; que Ford se terá aliado a Page e sacrificado a própria filha, para ter uma desculpa perante os vigilantes internacionais e assim legitimar uma *vendetta*.

Page não quer saber disso – exige imunidade a Ford dos ataques de Falstaff, e afirma que isso basta para uma intervenção externa. Falstaff ri-se e diz que nem sequer imunidade biológica terá perante ele, quanto mais política. Page irrita-se e tenta atacar Falstaff, mas este evita-a e retorque, sem resultados. Após uma luta breve, é Ford quem finalmente agarra Falstaff e deixa que Page espalhe pelo ar o veneno

prometido. Falstaff afasta-se, sentindo-se mal, tomba por terra, e canta a ária da sua morte e do fim de um sonho de império, jamais presenciar o regresso da antiga glória. A voz fraqueja-lhe, subtrai-se, enfraquece, e morre.

Ford pede então a Page que lhe administre antídoto, pois está igualmente fraco, e esta fornece-o. Ford diz então, «Não acredito que tenha demorado tanto tempo». Page não entende, mas ele pega-lhe no braço e morde-o: «Uma prenda da parte de Falstaff». Page cambaleia, agoniada com a reacção dos anticorpos que lhe devoram a carne.

«Estás em conluio com ele!... E a tua filha?»

«Eu não estou em conluio, caríssima, eu *sou ele*. Ou pensas que és a única a ter armas sofisticadas?», e numa breve explicação indica ter conseguido compactar a informação da sua memória e personalidade num protozoário com que infectou Ford na noite anterior. «Só ganha quem faz sacrifícios... mas agora tenho o teu veneno e a cura do teu veneno, e tenho dois enclaves reunidos num só local sem que o mundo saiba, e até uma nova identidade para despistar os inimigos.» E enquanto ela morre, ele encerra a ópera, cantando:

*«Tutto nel mondo é burla.
L'uom é nato burlone,
La fede in cor gli ciurla,
Gli ciurla la ragione.
Tutti gabbati! Irride
L'un l'altro ogni mortal.
Ma ride ben chi ride
La risata final.»*

Cai o pano.

Falstaff

(Variations of the libretto by Arrigo Boito)

Luís Filipe Silva

Translated by David Klein Martins

The Characters

Sir John Falstaff – Baritone
Ford – Baritone
Caio – Tenor
Bardolf – Tenor
Pistol – Bass
Anna – Soprano
Lady Page – Mezzo Soprano
Dame Lesta – Mezzo Soprano
Other occasional characters

Act I

Sir John Falstaff, Lord Swaggerer, master and owner of the Falstaff Enclave of Southern Hispaniola, is resting himself in the Great Hall – before beginning the production of a new harvest of genetic agents on his great lizard body, which he uses as a chemical plant, all dedicated to the purity of the domain – when Caio, the delegated local administrator, breaks forth to complain about Falstaff’s lackeys that ruined his deal with the Chinese.

John listens to him with complacency and then calls one demon at a time: first, Bardolf the cruel, who denies such actions, claiming he was in orbit engaged in acts of espionage at this juncture, and quickly directs suspicion against Pistol, the blood demon, who brings misery and famine to locations as commanded by the master. Pistol saunters in on a full stomach and denies the occurrence, although Caio points his finger at him (*‘Certo fu lui! Guardate. Come s’attega al niego quel ceffo da bugiardo!’*). Amused, Pistol exchanges pleasantries with Caio, who furiously demands compensations from Falstaff. The latter in turn asks which deal has been interrupted by the alleged intervention of his personnel and Caio explains that it was the one related to the selling of chemical weapons for the war against St. Petersburg.

Falstaff then puffs himself up angrily, proclaiming aloud that Caio acted against humanity by encouraging the war, before secretly accusing him of acting behind the Enclave’s back, claiming that he did not know anything about such deals, otherwise he would have demanded more than the habitual tithe. He concludes by condemning Caio to abandon Hispaniola forever. Caio loses his temper and begins listing Falstaff’s crimes, which only increases the ruler’s anger, who immediately

interrupts the discourse, rising against the delegated administrator and spitting in his face. Caio tries to escape but it is too late. Falstaff coldly explains that Caio is going to die within a few days. However, not before witnessing the condemnation of his own family; the virus that now runs inside his veins will spread through the Enclave and attack the genetic traits similar to his own, without any chance of redemption. Caio is kicked out of the premises by the demonic lackeys.

Falstaff thus converses with Bardolf and Pistol, telling them that they cannot afford to lose more valiant men like Caio as there is an urge to sanitize the finances of the domain. It is a risk to declare war against the neighboring enclaves, since they share the same resources as the island and this would give international political organizations a reason for meddling with what is of no concern to them; the gentle weapon of partnership would be smarter and more fitting.

Hence he writes two letters engraved in fire into the spirits of both demons. One of them is to invite the ruler of Martinique; the other is directed to the British Virgins. Both leaders aspire to enter Hispaniola territory and both of them hold genetic heritage easily adaptable to Falstaff's. With some luck, he thinks they will fight each other to the point of extinction over the privilege of being chosen; an idea Falstaff considers particularly enjoyable.

Change of scene. Enter A. Ford, chief conductor of Martinique, who is visibly agitated by the recent visit from the emissary of Hispaniola, and his daughter and acolyte, Anna, who tries to soothe him and bring him back to his senses. Falstaff must have some trick up his sleeve: he would not offer such a generous invitation to establish relations between the two enclaves if he was not to profit from it. Ford wants to be cautious, but he also sees herein a possibility to solve the gravest issues with the domain. Anna suggests using his secret contacts for investigating the matter and exits the scene. Ford sings a heartbreaking aria, in which the leader's heart opens up to reveal the desolation that has overcome the domain: one pest after another, climatic chaos responsible for the resource depletion of the island, and a total abandonment by the continental allies in regard to new financing.

Anna returns, agitated, she bears news and establishes a connection to M. Page, a mistress of an obscure Enclave of the British Virgins, who is accompanied by her page Lesta. Page has received a communication from Falstaff with equal content, and she has deemed the invitation an exclusive one as well. Ford is offended and intends

to refuse, but Anna as well as Page advise him to contemplate that they are relatively powerless by themselves (*'Se ordisci una burla, vo' anch'io la mia parte. Conviene condurla con senno, con arte'*). However, if they unite in complicity during Falstaff's absence, they might be able to turn into a dangerous opposition.

Act II

Ford's arrival at the Southern harbor of the Falstaff Enclave. The Lord awaits him with great ceremony, surrounding himself by blazing palm trees, all large animal species the domain keeps, and hundreds of subjects displaying victuals. The intent is not only of an entertaining nature, but also to humble the guests by flaunting his wealth. And it indeed has an effect on Ford who is unable to take his eyes off the abundance capable of saving his people. It is a double-edged sword.

Falstaff leads him ashore and immediately begins weaving the web: he explains how the two enclaves should unite, how they would become stronger than they are now. Ford objects saying that evidently Falstaff grows by the day – what can a small, weakening borough offer him? Promises for the future, Falstaff counters, that is where he is looking. He then explains that Martinique is rich in resources, but Ford, limited by his genetic heritage, would need years for the ecology of his enclave to adapt to the brutal conditions of the island; Falstaff, on the contrary, is a holder of genetic abundance in constant change, of which he himself serves as an example, able to accelerate the evolutionary process – all that needs to be done is a fusion of basic DNA and the respective territories.

Ford responds he requires some time to think, knowing very well that a fusion like the one proposed would eliminate the unique traits of Martinique's ecology forever. Falstaff thus seizes the opportunity to inform that Page's enclave is also interested, and that she has just arrived by spontaneous will, who knows if to present a counter offer? ...

She is a forceful woman, Falstaff notes almost absent-mindedly, and by using force it is possible to control a domain, a quality that could help him out with his plans. But he hopes to come to an understanding with Ford, seeing that, in his opinion, M. Page is phony and sly, appearing to be an angel but is in fact a demon in disguise.

Ford tells him that he needs to speak to his daughter.

Meanwhile, Anna is guided to the chambers by Pistol, who is constantly twirling around her, praising her beauty and proposing a quick physical union to be consummated without delay. Anna feels disgusted, but considering that she might obtain information from the creature, she plays with him and allows him into the room. She insinuates he will get what he wants if he discloses information about his master's true intentions. Pistol responds to her game, and explains that only well-formulated questions will get sincere answers.

Thus begins an exchange of phrases. Anna formulates question after question and Pistol tells her whether she is getting further from or closer to the truth until she starts to get it right:

ANNA

Non si tratta di papà, allora!

PISTOL

Ah, vedo un fuoco ora...

ANNA

È la sua figlia che si vuole?

PISTOL

Calore mi riempie il cuore.

ANNA

Io influenzare la sua decisione.

PISTOL

È il sole o un'illusione?

ANNA

Si spera che lo convinco!

PISTOL

Giocando così non vinco...

ANNA

O sono io che ha bisogno di convincere?

PISTOL

Lei affondare nel ghiaccio con rincreocere.

ANNA

Non capisco. E 'il mio silenzio che ci si aspetta?

PISTOL

Forse siete indietro nella traccia eletta...

ANNA

Loro cercherà di isolare me.

PISTOL

Un po 'a sinistra per piacere me.

ANNA

Mi uccideranno!

Before Anna is able to react, Pistol spreads his wings and asks her whether ignorance is not more blissful than awareness. He pounces on her, tearing her flesh and raping her in an orgy of blood that stains the whole room.

In the end, satisfied, he carefully prepares the evidence that will incriminate Page, admiring 'How cunning the master is!', and leaves the scene.

Falstaff and Ford end the tour through the domain. Falstaff informs him that he will meet Page the following day, but that Ford will be welcome to attend the meeting if he wishes to. Worried about his missing daughter, the leader of Martinique cannot think of anything else. Falstaff calls for Bardolf to search for Anna while he comes clean: if Martinique does not want to accept, he will have to proceed with Page's proposal, a thought that is not to his liking. Ford does not know what to

answer since he mistrusts everyone. So, tragedy begins when Bardolf returns greatly agitated, a bearer of fatal news. They run to the room where Ford finds the body of his daughter. He mourns his loss and Falstaff tries to comfort him, explaining that he will not rest until the culprit is found. Ford then finds a left-behind object bearing the label of the house of Page. Filled with indignation Falstaff orders the expulsion of the other group from the island. Ford asks him to hold back as he does not want to accuse someone without compelling evidence. Falstaff praises his clear reasoning in such a moment of great pain and offers him his help, which Ford is unable to decline.

He is left alone with his dead daughter, to whom he sings of his heartbreak and his anguish to discern the truth behind the lie. In this game he has already begun to lose. However, the label of the house of Page in his hand gives him an idea.

Page is sleeping when awoken by Lesta, who tells her that Ford would like to speak to her. Ford bursts into the room and recounts what has happened. Page denies it vehemently; she has been framed by Falstaff who intends to set one against the other. Page asks Lesta to rummage through Anna's room with the help of the spies they brought. If strong evidence is found, Ford will be entitled to stoke up a feud against Lord Swaggerer, counting on the help of the enclaves that Falstaff subjugated. Yet, Ford should be patient and carefully examine the possibility of a counterattack.

In the following scene, Falstaff joins Ford in the great hall showing his concern regarding his guest's health. Ford remains friendly, yet cold and distant. Page enters, whom Falstaff discreetly refers to as the phony one. And he tells her, 'Milady, I regret to inform you that a grave incident seems to have happened last night.' Page reveals she already knows about everything and answers furiously that she will not accept being accused of something she did not do. As proof she brings forward Lesta, who has inspected the room and discovered surveillance sensors and their recordings. Falstaff does not feel obliged to explain the presence of such instruments – anyone would have used them. However, he is disappointed when faced with Ford's attitude, who showed weakness by siding with the enemy. He claims that he wants to see those pieces of evidence and then he will punish the guilty ones who acted against his orders.

The recordings denounce what has happened and show the placing of the incriminating object. The anguished father calls Falstaff a monster even more demonic than his demons. He in turn coldly asks him whether he knows where that

demonic species comes from and, at the sight of Ford's ignorance, Falstaff asks Pistol to show it to him. The lackey begins an enchanting litany that causes Lesta to have convulsions. The maid's skin tears apart, exposing the being it harbored: a demonic figure of the same species as Pistol or Baldorf.

Ford yells and says he is about to go mad. Who is a friend; who is an enemy? He backs away from Falstaff and Page and proclaims that he will return to Martinique, but that his daughter will be revenged.

Act III

While the conference room is being cleaned, silently and mindful of whom might listen, two of Ford's acolytes comment to one another about what is being said in regards to the health of their leader. It seems that he wanders around at night speaking to ghosts, unaware of the domain and its dwindling people. He thinks too much about his deceased daughter.

Ford enters accompanied by his advisor; the acolytes are chased out and flee. Ford is healthier than he pretends to be. It is a disguised scheme of his, feigning to be weak, creating a decoy for Falstaff to attack him with ease and overconfidence. The advisor suggests caution, seeing that the enemy is deceitful and will be prepared. All biological and physical defenses of the island are on alert, but even these will not be enough when confronted with the power of Southern Hispaniola. Ford understands that it is a risk, but he trusts in the international community, it will not remain quiet if such conflict begins.

In fact, they receive an alert reporting a barge of survivors: Page and her people are seeking temporary refuge on Ford's island. From the top of the rail, Page explains that when faced with the ultimate refusal of partnership, Falstaff secretly attacked her enclave, spreading plagues that quickly damaged the island's ecology. While contemplating the destruction, Page decided to activate the slow death gene, which will consume her body in the event of an invasion by pathogens. She was unable to stop Falstaff but she will not let him seize her genetic heritage. They escaped from a dead enclave in search of a new shelter and Page asks Ford to provide her with supplies for the voyage. He agrees.

In that very moment Ford receives another message. Falstaff announces that he is at a distance from Martinique and requests authorization to dock. Ford

immediately notifies Page, who realizes that she is the reason for his coming; he is chasing her to stop the extermination. But why, Ford inquires, does he risk so much for this purpose? Page thus reveals her biggest secret: the gene of slow death bears the power of affecting and destroying the biological structure of Falstaff's Enclave and he has found out about it. The attack was not an innocent one. Economic reasons were a facade meant to hide Lord Swaggerer's potential weakness.

Ford has no other choice. He commands Page's ship to be hidden and allows Falstaff to draw nearer, but without docking before informing him of the reasons he came. He is told stories about military incursions at the coast of Hispaniola perpetrated by the armada of the British Virgins. Falstaff is chasing Page in order to present her before an international court. Whoever provides shelter to her, in his opinion, is a criminal just the same. Ford confirms he did not see her nor did he receive any communications from her. Falstaff requests to go ashore but Ford says the matter regarding the murder of his daughter is not yet resolved and does not grant him permission. Falstaff thus swears that everything bad that has happened to the British Virgins might happen to Martinique and gives him until nighttime to reconsider.

Ford returns to Page and tells her that there is a great opportunity to destroy Falstaff once and for all. All that they need to do is to lure him into a closed environment so that she can release the lethal venom. How to persuade him to come to such a place? Ford quickly conjures up a plan in which Page comes forward as his official refugee, requesting a hearing to end hostilities. Yet, the venom is also fatal for the people of Martinique, she warns him, it would be lethal for you. 'So inoculate me with the antidote when you are infecting Falstaff... if it doesn't work, it is still better than living under that despicable reign,' he says. Page agrees.

The meeting takes place. Falstaff on one side, Ford and Page on the other. Falstaff tells Ford that he lied, that he now finally knows who his enemies are; that Ford has allied with Page and sacrificed his own daughter to have an excuse before the international guards to legitimize a *vendetta*.

Page wants nothing to do with it. She requires immunity from Ford against Falstaff's attacks and states that this will be enough for an external intervention. Falstaff laughs and tells her that he will not grant her biological immunity, let alone a political one. Page becomes angry and tries to attack Falstaff, but he wards her off and hits back without any result. After a brief struggle, it is Ford who eventually catches Falstaff and lets Page fill the air with the promised venom. Falstaff backs off, feeling

unwell he falls to the ground and sings an aria about his death and of the end of an empire never to witness the return of its former glory. His voice weakens, diminishes, fades away, and dies.

Ford, feeling equally weak, then asks Page to give him the antidote, which she provides. Ford hence says, 'I can't believe this took so long.' Page does not understand, then he grabs her arm and bites it: 'A gift from Falstaff.' Page staggers, agonized by the reaction caused by the antibodies that devour her flesh.

'You're in cahoots with him! ... And what about your daughter?'

'I am in no cahoots, my dear, I *am him*. Do you think you are the only one to have sophisticated weapons?' and in a brief explanation he reveals he was able to compress the information of his memory and personality into a protozoan with which he infected Ford the previous night. 'You can only win if you are willing to make sacrifices... now I possess your venom and the cure to your venom, and I have united two enclaves in a single place without anybody knowing; I even have a new identity to outwit my enemies.' While she dies, he ends the opera, singing:

Tutto nel mondo é burla.

L'uom é nato burlone,

La fede in cor gli ciurla,

Gli ciurla la ragione.

Tutti gabbati! Irride

L'un l'altro ogni mortal.

Ma ride ben chi ride

La risata final.

The curtain falls.